Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE041906

COSTA, Maria Teresa. Ambientalistas propõe centro para animais: idéia é que Prefeitura crie um local para abrigar espécies silvestres vítimas do tráfico internacional. Correio Popular, Campinas, 08 maio. 2003.

Ambientalista propõe centro para animais

Idéia é que Prefeitura crie um local para abrigar espécies silvestres vítimas do tráfico internacional

MARIA TERESA COSTA
Do Correio Popular
teresa@cpopular.com.br

Ambientalistas querem que a Prefeitura implante um centro regional de recepção e de reintrodução de animais silvestres na natureza para preservar essas espécies e combater o tráfico de animais. A Região Metropolitana de Campinas (RMC), conforme levantamentos de entidades como o Fundo Mundial para a Natureza e a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas), é um centro importante da rota do tráfico internacional de animais.

Eles estão propondo ao Conselho Municipal de Meio Ambiente (Comdema) a designação de um grupo de trabalho para avaliar as condições atuais do zôo do Bosque dos Jequitibás e discutir a implantação de um centro regional de recepção de animais silvestres pelo Poder Público local em parceria com outras instituições e o setor privado. Os ambientalistas defendem a necessidade de instalação de um novo zôo já que o Bosque não foi concebido para funcionar como zoológico, uma vez que a área não é ampla o suficiente para conciliar papéis tão diversificados, contradição que aumentaria com a eventual expansão das atividades do zôo.

GUSTAVO MAGNUSSON/AAN

A bióloga Eliana Ferraz, do Bosque: ressalvas

Segundo os ambientalistas Yuko Okamura e Luiz Ramasco, da Sociedade Protestora da Diversidade das Espécies (Proesp), existe uma carência muito grande de locais especializados em receber e dar destinação apropriada aos animais silvestres capturados pela Polícia Ambiental e encontrados pela população. Muitos desses animais chegam feridos e doentes ao Bosque dos Jequitibás, local que tem servido de abrigo temporário.

Por falta de recursos e de espaço disponível, muitas vezes a equipe técnica do Bosque tem que recusar atendimento aos animais. A estrutura veterinária montada é destinada a atender as necessidades dos animais do próprio zôo e não há espaço para receber espécies levadas pela população e pela Polícia Ambiental. Além de tratamento veterinário, analisam os ambientalistas, os animais necessitam também de abrigo. "Esse quadro não é devido apenas às dificuldades particulares do Bosque, mas por uma convergência de fatores que geram essa demanda na região de Campinas", ressaltam.

Uma delas é o comércio clandestino, que movimenta milhões de dólares e que se vale da extensa malha rodoviária que passa pela região, interligando as áreas de origem dos animais aos mercados consumidores do Estado de São Paulo e da região sul, e também aos aeroportos internacionais. Os animais são trazidos por caminhoneiros e motoristas de ônibus que percorrem esses trajetos com freqüência. Okamura e Ramasco lembram que a imprensa tem divulgado várias apreensões feitas pela Polícia Ambiental de lotes de animais acondicionados em péssimas condições e que são encaminhados aos zoológicos e criatórios particulares da região.

Fatores como a expansão urbana, que acarreta a perda dos ambientes naturais desses animais, acaba por deixá-los mais visíveis e vulneráveis, Na busca de alimento e refúgio, contam os ambientalistas, acabam agredidos ou atropelados ou se refugiam nas casas, tornando-se vítimas de cercas elétricas, cães e dos próprios moradores. Há ainda o fato de que muitas pessoas, por medo de punições ou por não conseguirem lidar com os animais, acabam se desfazendo deles. "Por todas essas situações, é real a necessidade de um local especializado em acolher e dar destinação apropriada aos animais silvestres", afirmam os ambientalistas.